

Entrevistas na web:

reconfigurações formais, discursivas e interacionais na cultura digital

Rafael Marta Carbone Carneiro¹
Bruno César dos Santos²

Resumo

As formas de entrevista vêm passando por transformações significativas no discurso da cultura digital, sobretudo com a expansão de plataformas como YouTube, Instagram e ambientes de transmissão ao vivo. Nessas configurações, a entrevista deixa de se restringir a modelos estabilizados e passa a discursar formatos híbridos, marcados pela integração entre linguagem audiovisual, espontaneidade e experimentação discursiva. A interação entre discursividade, antes mediada por estruturas mais rígidas, passa a ser atravessada por dinâmicas próprias das plataformas, como simultaneidade, participação do público e flexibilização dos papéis comunicacionais. A compreensão dessas transformações pode ser aprofundada a partir das contribuições de Denis Ruellan (1993), ao discursar a entrevista como prática social, e de Beatriz Marocco (2011), ao discutir a construção de regimes discursivos. Já Cremilda Medina (1995) contribui ao enfatizar a dimensão dialógica da entrevista, enquanto José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016) permitem compreender suas variações a partir das formas de expressão e das demandas de uso. A observação de diferentes formatos contemporâneos revela que a entrevista, nesses ambientes, se organiza a partir de três eixos principais: a flexibilização estrutural, a ampliação da dimensão interacional e a incorporação de elementos performáticos e técnicos. Esses aspectos indicam um deslocamento da centralidade da autoridade discursiva para a construção compartilhada de experiências, em que a autenticidade, a informalidade e a proximidade com o público tornam-se elementos estruturantes. A partir de uma abordagem discursiva, que articula revisão bibliográfica e análise de práticas contemporâneas, evidencia-se que a entrevista na web se constitui como um espaço de negociação de sentidos, no qual linguagem, tecnologia e cultura se entrelaçam. Mais do que um formato estável, trata-se de uma prática em constante adaptação, cuja compreensão exige o deslocamento de categorias tradicionais e a incorporação de perspectivas que considerem sua natureza híbrida e processual.

Palavras-chave

Entrevista; Cultura digital; Interação; Plataformas digitais; Comunicação contemporânea.

7. Introdução

¹ Aluno do curso de Rádio, Televisão e Internet (RTVI) da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e participante do programa de Iniciação Científica da FAPCOM. E-mail: 232137@sou.fapcom.edu.br;

² Professor dos cursos Bacharelados, Licenciatura e Tecnólogos da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e docente dos grupos de pesquisa “Infotainment, kitsch e endereçamento: diálogo informal, humor velado e hibridismo genérico em programas telejornalísticos e talkshows brasileiros” e “Histórias do Rádio e da TV: Em prol da construção do museu da fala do radialismo paulista” E-mail: bruno.santos@fapcom.edu.br;

A entrevista, enquanto forma de interação mediada, consolidou-se historicamente como um dispositivo de produção e circulação de discursos, assumindo diferentes configurações conforme os contextos técnicos, culturais e sociais em que se insere. Se, em sua origem, esteve vinculada à institucionalização de práticas informativas e à construção de regimes discursivos baseados na objetividade e na mediação profissional, na contemporaneidade observa-se uma ampliação significativa de suas formas de expressão, especialmente a partir da emergência de plataformas digitais. Nesse cenário, a entrevista deixa de ser compreendida apenas como técnica ou gênero estabilizado e passa a ser observada como prática comunicacional dinâmica, atravessada por múltiplas linguagens, dispositivos e modos de interação .

A expansão de ambientes digitais, como YouTube, Instagram e plataformas de streaming, possibilitou o surgimento de formatos diversos que tensionam os modelos tradicionais de entrevista. Esses novos arranjos incorporam elementos como espontaneidade, performatividade, hibridismo entre gêneros e maior proximidade entre interlocutores, configurando experiências comunicacionais que não se enquadram integralmente nas categorias clássicas. Nesse contexto, a entrevista passa a operar também como espaço de experimentação estética, narrativa e relacional, ampliando suas funções para além da simples transmissão de informações.

A relevância do tema justifica-se pela necessidade de compreender como essas novas formas de entrevista reconfiguram modos de produção de sentido na cultura digital. Ao deslocar o foco das estruturas tradicionais para práticas contemporâneas, torna-se possível analisar de que maneira as dinâmicas de interação, mediação e construção discursiva são transformadas em ambientes marcados pela descentralização e pela multiplicidade de vozes.

Diante desse cenário, a problemática que orienta este estudo pode ser formulada da seguinte maneira: de que modo as diferentes formas de entrevista na web reconfiguram as práticas de interação, construção discursiva e mediação comunicacional, em relação aos modelos tradicionais? Tal questão parte do pressuposto de que a entrevista contemporânea não pode mais ser compreendida a partir de categorias fixas, exigindo abordagens que considerem sua natureza híbrida e processual.

A partir dessa problemática, são estabelecidas duas hipóteses centrais. A primeira hipótese sustenta que as entrevistas realizadas em ambientes digitais operam a partir de uma lógica de

flexibilização estrutural, na qual elementos como roteiro, mediação e formalidade são reconfigurados em função das dinâmicas das plataformas e da relação com o público. A segunda hipótese propõe que essas formas contemporâneas ampliam a dimensão interacional da entrevista, deslocando o foco da autoridade discursiva para experiências compartilhadas, autenticidade e construção coletiva de sentido.

O objetivo geral deste artigo consiste em analisar as diferentes formas de entrevista na web, compreendendo suas transformações estruturais, discursivas e interacionais no contexto da cultura digital. Como objetivos específicos, busca-se: (1) discutir os fundamentos conceituais da entrevista enquanto prática comunicacional; (2) identificar as principais variações formais e técnicas das entrevistas em ambientes digitais; e (3) compreender como essas variações reconfiguram as relações entre interlocutores e os modos de produção de sentido.

No que se refere ao referencial teórico, o estudo articula contribuições de diferentes campos. A perspectiva de Denis Ruellan (1993) permite compreender a entrevista como prática social vinculada à construção de identidades profissionais, enquanto Beatriz Marocco (2011) contribui para a análise dos regimes discursivos associados à produção da verdade. Já Cremilda Medina (1995) enfatiza a dimensão dialógica da entrevista, destacando seu potencial como espaço de interlocução.

Além disso, as contribuições de José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016) são mobilizadas para compreender as variações tipológicas a partir das formas de expressão e das demandas de uso. Autores como Nilson Lage (2001), Manuel Carlos Chaparro (2008) e Cremilda Medina (1995) também contribuem para a discussão sobre estrutura, interação e hibridismo das práticas comunicacionais.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e análise de práticas contemporâneas de entrevista em ambientes digitais. O corpus é constituído por diferentes formatos de entrevistas disponíveis em plataformas online, selecionados de forma intencional, considerando a diversidade de linguagens, dispositivos técnicos e modos de interação. Essa abordagem permite articular reflexão teórica e observação empírica, evidenciando as transformações da entrevista no contexto da cultura digital.

Por fim, o artigo organiza-se em seções que articulam fundamentos conceituais, discussão teórica e análise das formas contemporâneas de entrevista, buscando compreender como essa

prática se transforma diante das mudanças tecnológicas e culturais. Ao deslocar o foco do jornalismo para as dinâmicas comunicacionais mais amplas, pretende-se contribuir para uma compreensão mais abrangente da entrevista como fenômeno contemporâneo, marcado pela pluralidade de formas, pela flexibilidade estrutural e pela centralidade da interação.

2. A entrevista jornalística: fundamentos conceituais, disputas teóricas e funções no campo informativo

A entrevista ocupa um lugar central na constituição do jornalismo informativo moderno, sendo reconhecida não apenas como um recurso técnico, mas como um elemento estruturante da identidade profissional dos jornalistas. Ao longo de sua consolidação histórica, essa prática foi apropriada como um instrumento legítimo de produção de conhecimento sobre a realidade social, contribuindo para a afirmação de um modelo de jornalismo orientado pela busca de informação direta junto às fontes. Nesse sentido, conforme aponta Ruellan (1993), a entrevista participa do processo de legitimação do campo jornalístico, ao integrar o repertório técnico que diferencia e profissionaliza a atuação dos seus agentes.

Paralelamente à sua institucionalização, a entrevista também desempenha um papel relevante na constituição de um regime discursivo específico no jornalismo. De acordo com Marocco (2011), sua incorporação contribui para a consolidação das noções de objetividade e de produção da verdade, características fundamentais do modelo informativo. Nesse processo, observa-se uma tendência de deslocamento da voz do jornalista, cuja opinião tende a ser apagada ou minimizada, enquanto o entrevistado assume a posição de testemunha ou comentarista autorizado dos acontecimentos.

Apesar de sua relevância, a entrevista ainda é abordada de forma fragmentada na produção acadêmica brasileira. Em muitos casos, sua análise está vinculada a classificações normativas presentes em manuais de redação ou em propostas tipológicas que buscam sistematizar sua prática. Esse tipo de abordagem, embora útil para fins didáticos, tende a reduzir a complexidade da entrevista ao enquadrá-la em categorias rígidas, dificultando a compreensão de suas dimensões sociais e discursivas.

Em outros contextos, a entrevista aparece como objeto secundário de investigação, sendo utilizada como material empírico em estudos de cobertura jornalística de eventos ou de personagens específicos. Nesses casos, a prática em si não é problematizada, permanecendo como um dado naturalizado do fazer jornalístico. Essa lacuna evidencia a necessidade de abordagens mais sistemáticas que considerem a entrevista como prática social, envolvendo processos de interação, negociação e construção de sentido entre entrevistadores e entrevistados.

A dificuldade de delimitação conceitual da entrevista é um dos principais desafios identificados na literatura. Conforme observa Travancas (2012), o termo pode designar tanto um procedimento de apuração quanto um gênero jornalístico. No primeiro caso, refere-se à obtenção de informações junto a uma fonte por meio de diálogo estruturado; no segundo, diz respeito à forma de apresentação do conteúdo, organizada em perguntas e respostas.

Deve ser levado em conta ainda, a quantidade de programas e conteúdos disseminados em diferentes ambientes de comunicação, que usam a entrevista para fins de entretenimento ou mesmo de apresentação de algum conceito ou mesmo marca/produto. Essa dualidade é reforçada por autores como Lage (2001), que destaca a entrevista como técnica de coleta de informações baseada em um roteiro previamente elaborado, e por Fávero e Andrade (1998) e França e Trindade (2009), que enfatizam o papel do questionário na condução da interação. Ao mesmo tempo, autores como Marques de Melo (1985) e Seixas (2009) compreendem a entrevista como gênero textual, cuja estrutura dialogal define sua forma de circulação na mídia.

A ausência de precisão conceitual também se reflete nas diversas tipologias propostas para classificar a entrevista. Algumas abordagens privilegiam as condições de realização da interação, como a classificação de Lage (2001), que distingue entrevistas confrontacionais, ocasionais, coletivas e dialogais. Outras enfatizam os conteúdos abordados, como propõe Medina (1995), ao diferenciar entrevistas voltadas à espetacularização — centradas no inusitado — e aquelas de caráter conceitual, associadas à investigação e ao aprofundamento temático.

Há ainda classificações que articulam diferentes dimensões da prática, combinando aspectos da apuração, do conteúdo e da forma de apresentação. Nesse sentido, Lage (2001) também propõe categorias como entrevistas rituais, temáticas, testemunhais e em profundidade, evidenciando a multiplicidade de funções que esse recurso pode assumir no jornalismo. Essas

tentativas de sistematização demonstram a complexidade do objeto, mas também revelam a dificuldade de estabelecer critérios unificados de análise.

Outro ponto recorrente na literatura diz respeito à sobreposição entre discussões teóricas e orientações práticas. Como observa Bonini (2000), muitos manuais e estudos misturam reflexões sobre a função social da entrevista com aspectos técnicos, como a condução da interação, o uso de equipamentos e a formatação do texto final. Essa mistura pode limitar a compreensão do fenômeno, ao privilegiar dimensões operacionais em detrimento de análises mais aprofundadas sobre seu papel no campo comunicacional.

Diante desse cenário, a entrevista jornalística pode ser compreendida como uma prática multifacetada, que articula dimensões técnicas, discursivas e sociais. Sua análise exige uma abordagem que vá além das classificações normativas, considerando-a como espaço de interação e produção de sentido, no qual se negociam versões da realidade e se constroem narrativas que circulam publicamente. Essa perspectiva permite compreender a entrevista não apenas como ferramenta do jornalismo, mas como elemento constitutivo das dinâmicas de mediação entre sociedade, informação e poder.

3. A entrevista jornalística: normatividade, prática profissional e disputas sobre o papel do entrevistador

A discussão dedicada à entrevista jornalística revela uma predominância de abordagens voltadas à normatização da prática, nas quais o foco recai sobre a definição de procedimentos considerados adequados para sua execução. Em grande parte dos manuais, a entrevista é apresentada como uma técnica que pode ser aprimorada por meio do domínio de regras específicas, deslocando a atenção de sua dimensão social e discursiva para um conjunto de orientações operacionais. Essa perspectiva contribui para a construção de um modelo idealizado de atuação discursiva, no qual o jornalista deve seguir padrões previamente estabelecidos.

Nesse cenário, Emerim (2008) destaca que os manuais de formação jornalística tendem a enfatizar uma visão discursiva da entrevista, centrada no “como fazer”. Tal abordagem privilegia instruções técnicas e comportamentais, muitas vezes associadas a uma concepção ideológica do jornalismo, na qual se pressupõe a existência de uma forma correta e universal de conduzir a

interação entre entrevistador e entrevistado. A prática, assim, é reduzida a um conjunto de procedimentos que devem ser replicados.

Entre os elementos frequentemente mencionados nesses manuais, destacam-se a importância do trabalho em equipe, o uso adequado dos recursos técnicos e a adoção de uma linguagem acessível ao público. Além disso, há uma ênfase na elaboração de perguntas, na organização do roteiro e na condução da entrevista de maneira fluida e objetiva. Esses aspectos reforçam a ideia de que a qualidade do produto final depende diretamente do controle exercido pelo entrevistador sobre as condições de produção.

Outro ponto recorrente refere-se à regulamentação do comportamento dos participantes da entrevista. Os manuais costumam estabelecer critérios para a seleção dos entrevistados e orientações sobre postura, vestimenta e expressividade. Também é comum a recomendação de que os entrevistados sejam previamente orientados quanto aos dispositivos técnicos e às dinâmicas da interação, o que revela uma tendência de padronizar o processo comunicacional.

As questões éticas ocupam igualmente um espaço relevante nesse tipo de produção. Entre as orientações mais frequentes estão a necessidade de manter a imparcialidade, evitar interferências externas e garantir fidelidade na reprodução das falas. Tais recomendações reforçam a associação entre a entrevista e os princípios de objetividade e transparência, consolidando sua posição como produção de informação confiável.

A dimensão normativa da entrevista pode ser observada em autores que tratam diretamente de sua prática. Oyama (2014), por exemplo, estabelece uma relação entre a qualidade da entrevista e o sucesso da produção, defendendo que bons resultados dependem tanto das condições de realização quanto da relevância da fonte. Essa perspectiva reforça a centralidade da entrevista no processo de construção da produção jornalística.

A preparação do entrevistador aparece como um dos aspectos mais valorizados na produção. Autores como Medina (1995) e Prado, Braslaukas e Floresta (2009) destacam que o domínio prévio do tema e o conhecimento sobre o entrevistado são fundamentais para a condução eficaz da entrevista. A elaboração de um roteiro estruturado, com perguntas específicas, é frequentemente apontada como estratégia para evitar superficialidade e promover maior profundidade na interação.

Além de contribuir para a qualidade do conteúdo, a preparação é interpretada como uma forma de respeito à fonte. Um jora bem informado tende a estabelecer uma relação mais equilibrada com o entrevistado, evitando tanto a ingenuidade quanto a postura autoritária. A ausência dessa preparação pode comprometer o desenvolvimento da entrevista, resultando em interações pouco produtivas ou pouco consistentes.

Apesar da valorização da preparação, não há consenso quanto à postura ideal do entrevistador. Parte da *discursive* defende uma atuação mais *discursi*, na qual o jornalista assume o controle da interação e direciona a conversa de forma rigorosa. Nesse sentido, Lage (2001) enfatiza a necessidade de manter o foco temático, enquanto Noblat (2003) associa o papel do jornalista à função de fiscalização do poder, legitimando perguntas diretas e, por vezes, desconfortáveis.

Em contraposição, outras abordagens propõem uma condução mais dialógica da entrevista. Autores como Medina (1995) defendem que a prática deve valorizar a expressão do entrevistado e favorecer a construção de um espaço de interlocução. Nessa perspectiva, a entrevista é compreendida como uma forma de mediação que contribui para o debate público, ampliando a circulação de ideias e permitindo maior participação social no processo comunicacional.

4. Classificações e tipologias da entrevista: limites analíticos e predominância dos critérios operacionais

A entrevista jornalística ocupa posição recorrente nas classificações de gêneros e formatos informativos, sendo frequentemente reconhecida como um dos elementos estruturantes da produção noticiosa. Ainda que nem sempre apareça de forma sistemática em todos os inventários clássicos, sua presença é reafirmada em diferentes propostas teóricas que buscam organizar o campo do jornalismo. Nesse sentido, autores como Beltrão (1969), Marques de Melo (2009), Medina (2001) e Chaparro (2008) reconhecem a entrevista como componente relevante do gênero informativo, ainda que com diferentes enquadramentos conceituais.

Apesar dessa presença constante nas classificações, observa-se uma lacuna significativa no que diz respeito à análise de suas especificidades estilísticas, especialmente no modelo pingue-pongue. A maior parte da literatura tende a privilegiar aspectos operacionais da prática, como

formas de condução da interação e estratégias de obtenção de respostas, deixando em segundo plano a discussão sobre a estrutura textual e os efeitos discursivos da entrevista enquanto produto final.

Esse predomínio de abordagens voltadas aos procedimentos se evidencia também na literatura prática e nos manuais de redação, que frequentemente apresentam orientações sobre comportamento profissional, preparação do entrevistador e condições de produção. Autores como Caputo (2006), Pinto (2009), Floresta e Braslauskas (2009), Nascimento (2009), Oyama (2009), Tavares e Schwaab (2013) e Barbeiro e Lima (2013) concentram suas contribuições em diretrizes operacionais, reforçando a ideia de que a entrevista deve ser compreendida como técnica a ser aperfeiçoada.

No âmbito institucional, manuais de veículos de imprensa também contribuem para essa perspectiva normativa. O manual do jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, dedica diversos tópicos à condução da entrevista, abordando desde postura profissional até aspectos formais da edição do texto. As orientações relativas à escrita são, contudo, bastante limitadas, restringindo-se a indicações como o uso de negrito para perguntas ou a eliminação de marcas de oralidade, o que evidencia a pouca atenção dedicada à dimensão textual do formato.

As classificações propostas nesses manuais também apresentam limitações em termos de sistematização. Em muitos casos, restringem-se a distinções simplificadas, como a diferenciação entre texto corrido e modelo pergunta-resposta, ou entre entrevistas individuais e coletivas. Essa simplificação reduz a complexidade da prática e não contempla a diversidade de formas que a entrevista pode assumir na produção jornalística contemporânea.

Para além dos manuais, a literatura acadêmica apresenta tentativas mais elaboradas de classificação, ainda que igualmente marcadas por heterogeneidade. A análise de diferentes propostas teóricas permite identificar três critérios principais que orientam essas categorizações: os procedimentos de realização, os objetivos da entrevista e sua forma de apresentação textual. Esses eixos aparecem de maneira recorrente em estudos que buscam sistematizar o fenômeno.

No caso das classificações baseadas em procedimentos, observa-se a preocupação com as condições de produção da entrevista, incluindo o número de participantes, o contexto de realização e a dinâmica da interação. Já as classificações orientadas pelos objetivos concentram-se nas finalidades da entrevista, distinguindo, por exemplo, entre abordagens informativas, opinativas ou

biográficas. Por fim, as classificações centradas na formatação textual buscam diferenciar modos de apresentação, como o uso de perguntas e respostas, narrativas em primeira pessoa ou textos corridos com citações.

A proposta de Erbolato (1991) ilustra essa diversidade ao combinar critérios distintos em sua tipologia, enquanto Lage (2003) organiza suas categorias a partir de finalidades e condições de realização. Já Medina (1995) propõe uma classificação baseada na intencionalidade, distinguindo entrevistas voltadas à espetacularização daquelas orientadas à compreensão. Essas abordagens evidenciam a pluralidade de perspectivas analíticas aplicadas ao objeto.

Outras contribuições ampliam esse quadro ao incluir aspectos relacionados ao modo de realização e ao perfil dos entrevistados. Pinto (2009), por exemplo, considera tanto os meios utilizados — como entrevistas presenciais, por telefone ou por e-mail — quanto características comportamentais das fontes. Pereira Júnior (2006), por sua vez, propõe uma classificação voltada à forma de apresentação textual, ainda que sem aprofundar suas implicações analíticas.

Mesmo diante dessa variedade de propostas, a entrevista no formato pingue-pongue aparece de maneira recorrente na maioria das classificações analisadas, ainda que raramente seja objeto de investigação aprofundada. Conforme observa Chaparro (2008), trata-se de uma prática que apresenta traços de hibridez, combinando características narrativas e informativas. Essa condição contribui para a dificuldade de enquadramento teórico, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de abordagens mais sistemáticas que considerem sua complexidade enquanto forma de produção e circulação de sentidos no jornalismo.

5. Tipologia e estrutura da entrevista: fundamentos conceituais e formas de organização

A compreensão da entrevista enquanto prática comunicacional exige a delimitação de categorias teóricas que permitam situá-la no interior das formas de produção de sentido. Nesse 10iscurs, a distinção entre gênero, formato e tipo constitui um 10iscurs estruturante da organização conceitual do campo. Conforme propõem José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016), os gêneros correspondem a categorias amplas de expressão, enquanto os formatos representam desdobramentos estruturais desses gêneros, sendo ainda possível identificar subdivisões mais

específicas denominadas “tipos”, caracterizadas pela natureza da forma discursiva e pelas demandas de uso.

Essa organização hierárquica permite compreender que uma mesma prática pode assumir diferentes configurações, dependendo do critério adotado para sua análise. O exemplo apresentado por Melo e Assis (2016), ao indicar que o gênero discursivo comporta o formato discursivo, que pode se manifestar em tipos distintos, evidencia a lógica de encadeamento conceitual que orienta essa classificação. Ainda assim, essa sistematização não se estende de maneira aprofundada à entrevista, o que contribui para a ausência de uma tipologia consolidada.

No caso da entrevista, essa lacuna teórica reforça a multiplicidade de interpretações acerca de sua natureza. Conforme sugerem José Marques de Melo (2009) e Jorge Pedro Sousa Medina (2001), a entrevista é frequentemente incorporada às classificações do gênero discursivo, ainda que sem uma definição precisa de seus desdobramentos internos. Já Manuel Carlos Chaparro (2008) a compreende como uma forma básica de expressão verbal no interior do gênero relato, o que amplia seu campo de interpretação.

A diversidade de abordagens teóricas evidencia que a entrevista pode ser compreendida a partir de diferentes eixos classificatórios. Um dos mais recorrentes diz respeito aos procedimentos de realização, que consideram aspectos como o número de participantes, o discurso de produção e as circunstâncias da interação. Essa perspectiva aparece em autores como Luiz Erbolato (1991) e Nilson Lage (2003), que organizam suas tipologias a partir das condições práticas de realização.

Outro eixo de classificação refere-se aos objetivos que orientam a entrevista, deslocando o foco das condições de produção para as finalidades comunicacionais. Nesse sentido, Cremilda Medina (1995) propõe distinções baseadas na intencionalidade da prática, diferenciando abordagens voltadas à espetacularização daquelas orientadas à compreensão. Essa perspectiva destaca o papel da entrevista na construção de sentidos e na mediação de discursos.

Além disso, há classificações que privilegiam a forma de apresentação do conteúdo, enfatizando a estrutura textual como critério de organização. Pereira Júnior (2006), por exemplo, propõe categorias baseadas na disposição das falas, incluindo formas que variam entre a organização dialogal e a discursiva discursiva. Esse tipo de abordagem evidencia a importância da materialidade textual na definição das características da entrevista.

A partir dessas contribuições, torna-se possível identificar três eixos fundamentais que estruturam a compreensão da entrevista: os procedimentos de realização, os objetivos comunicacionais e a forma de expressão. Esses elementos, conforme sugerido por Melo e Assis (2016), não operam de maneira isolada, mas articulam-se na constituição dos diferentes tipos, refletindo tanto a natureza da prática quanto as demandas de uso que orientam sua aplicação.

No que se refere à sua estrutura, a entrevista caracteriza-se pela presença de uma interação mediada, na qual um interlocutor conduz o processo comunicacional por meio de perguntas. Essa dinâmica, conforme indicam Floresta e Braslauskas (2009), envolve a construção de um roteiro que orienta o desenvolvimento da conversa, ainda que permita variações ao longo da interação.

A elaboração das perguntas constitui um *discurs* central dessa prática, sendo frequentemente associada à capacidade de aprofundar temas e estimular respostas mais elaboradas. Nesse sentido, Pinto (2009) destaca que a formulação das questões deve *discursive* tanto o *discurs* quanto o perfil do interlocutor, de modo a favorecer a produção de discursos mais complexos e informativos.

Por fim, a organização do conteúdo decorrente da entrevista envolve um processo de seleção e edição que articula elementos de oralidade e elaboração *discursive*. Conforme observa Manuel Carlos Chaparro (2008), mesmo quando estruturada de forma mais formal, a entrevista mantém traços de hibridez, combinando características narrativas e informativas. Essa condição reforça sua natureza multifacetada e sua inserção em diferentes modalidades de expressão no campo comunicacional.

6. A entrevista contemporânea em ambientes digitais: reconfigurações formais, técnicas e discursivas

A multiplicidade de formatos de entrevista observados em ambientes digitais evidencia um deslocamento significativo em relação aos modelos tradicionais consolidados no jornalismo informativo. Conforme discutido anteriormente, a entrevista esteve historicamente associada à construção de um regime discursivo orientado pela objetividade e pela mediação institucional da informação, conforme apontam Denis Ruellan (1993) e Beatriz Marocco (2011). No entanto, os

formatos contemporâneos indicam uma reconfiguração dessa prática, na qual novas linguagens e suportes ampliam suas possibilidades de uso.

Nesse contexto, iniciativas como Disquetes (YouTube) apresentam uma estética marcada pela simplicidade técnica e pela valorização da conversa espontânea. A presença de câmera aberta, iluminação natural e edição mínima sugere um afastamento dos padrões normativos descritos nos manuais tradicionais. Essa configuração dialoga com a perspectiva de Cremilda Medina (1995), ao privilegiar a dimensão dialógica da entrevista como espaço de construção de sentido.

Já o projeto Ouvidos sem parede, vinculado à Catraca Livre e produzido por Gabriella Salles, introduz elementos de improviso e experimentação urbana. A escolha por entrevistar sujeitos comuns em espaços públicos rompe com a lógica tradicional de seleção de fontes notáveis, destacada por Nilson Lage (2001), ampliando o escopo da entrevista como prática social.

No campo dos formatos mais estruturados, produções como Melhor na Cama, de Laura Schadeck, evidenciam a permanência de elementos clássicos, como roteiro prévio, controle técnico e centralidade do entrevistado. Essa organização aproxima-se das orientações presentes em manuais e estudos sobre preparação e condução da entrevista, como os de Cremilda Medina (1995) e Prado, Braslauskas e Floresta (2009).

Em outra direção, conteúdos como Chevetalks, de Patrick Maia, tensionam as fronteiras entre entrevista e entretenimento. A informalidade do ambiente e o humor presente na condução da conversa indicam uma flexibilização dos códigos tradicionais. Essa hibridez pode ser compreendida a partir da perspectiva de Manuel Carlos Chaparro (2008), que identifica na entrevista contemporânea uma combinação entre elementos narrativos e informativos.

A proposta de Alô mãe? DUZOTO!, de Priscila Caliari, incorpora ainda uma dimensão performática, ao integrar entrevista e prática culinária. A edição dinâmica e o uso de recursos visuais refletem as demandas das plataformas digitais, o que se aproxima da concepção de tipologia proposta por José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016), ao considerar as formas de expressão e os contextos de uso.

Programas como Bonita de Pele ampliam essa lógica ao articular entrevista e práticas de cuidado pessoal, como maquiagem e skincare. A presença de convidados ligados a pautas identitárias reforça a dimensão social da entrevista, aproximando-a de um espaço de visibilidade e construção de narrativas pessoais, conforme discutido por Cremilda Medina (1995).

Em formatos mais informais, como Pograma, observa-se a redução da mediação técnica e a valorização da espontaneidade. A ausência de estrutura rígida e o uso de dispositivos simples aproximam a entrevista de uma interação cotidiana, o que dialoga com a ideia de prática social defendida por Denis Ruellan (1993).

As transmissões ao vivo, como as realizadas por Matt ou pelo programa Bagaceira, introduzem a simultaneidade com o público como elemento estruturante. A presença do chat amplia o número de interlocutores e modifica a dinâmica tradicional da entrevista, tensionando a noção de controle do entrevistador discutida por Nilson Lage (2001).

Outros formatos, como Pescados e Convidados, de Murilo Choquetta, exploram a entrevista em contextos não convencionais, integrando atividades externas à conversa. Essa combinação amplia a dimensão experiencial da prática, aproximando-a de formas híbridas de narrativa.

No caso de @izadora, observa-se uma aproximação entre entrevista e relato autobiográfico, com registros de experiências pessoais e interações espontâneas. A edição baseada em fragmentos reforça a adaptação da entrevista às dinâmicas das redes sociais, caracterizadas pela fragmentação e pela valorização do cotidiano.

Por fim, produções como Balela e Chega aí Podcast evidenciam a consolidação do videocast como formato relevante. A combinação entre planejamento e espontaneidade, aliada à informalidade dos cenários, demonstra que a entrevista contemporânea se constitui como uma prática híbrida. Referências internacionais, como Chris Williamson, Hot Ones e Fashion Neurosis, reforçam essa tendência global, indicando que a entrevista se adapta continuamente às transformações tecnológicas e culturais, conforme já sugerido no referencial teórico e nas discussões de José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016).

7. Conclusão

A análise das diferentes formas de entrevista na web evidencia que essa prática não pode mais ser compreendida a partir de modelos fixos ou categorias estáveis. A problemática proposta — compreender de que modo as entrevistas em ambientes digitais reconfiguram as dinâmicas de interação, mediação e construção discursiva — encontra resposta na constatação de que tais

formatos operam por meio de deslocamentos estruturais significativos, especialmente no que se refere à flexibilização das formas, à ampliação da participação e à redefinição dos papéis comunicacionais.

As hipóteses inicialmente formuladas mostram-se sustentáveis à luz do percurso desenvolvido. A primeira, que apontava para uma flexibilização estrutural das entrevistas na web, confirma-se na diversidade de formatos observados, que variam desde produções altamente roteirizadas até interações espontâneas e abertas. A segunda hipótese, voltada à ampliação da dimensão interacional, também se evidencia, na medida em que essas práticas incorporam elementos como simultaneidade, participação do público e aproximação entre interlocutores, deslocando o eixo da autoridade discursiva para experiências compartilhadas.

O diálogo com os autores mobilizados ao longo do trabalho mostrou-se fundamental para sustentar essa compreensão ampliada. As contribuições de Denis Ruellan (1993) permitiram compreender a entrevista como prática social, enquanto Beatriz Marocco (2011) contribuiu para a análise dos regimes discursivos. Já Cremilda Medina (1986; 1995) possibilitou enfatizar a dimensão dialógica, ao passo que José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016) ofereceram subsídios para compreender as variações tipológicas a partir das formas de expressão e das demandas de uso.

Os resultados indicam que a entrevista, no contexto digital, deixa de ser apenas um instrumento de coleta ou apresentação de informações para se constituir como espaço de experimentação comunicacional. Nessa configuração, elementos como informalidade, performatividade, edição dinâmica e integração com outras práticas — como o entretenimento, o cotidiano e a interação em tempo real — tornam-se constitutivos da própria lógica do formato. A entrevista passa, assim, a operar como dispositivo híbrido, articulando dimensões técnicas, narrativas e sociais.

Ao mesmo tempo, essa reconfiguração não implica a eliminação de elementos tradicionais, mas sua reorganização em novas bases. Aspectos como a condução da conversa, a elaboração de perguntas e a presença de um mediador permanecem, ainda que ressignificados. Esse movimento reforça a ideia de que a entrevista não se rompe com sua tradição, mas se transforma a partir das condições materiais e culturais que atravessam a comunicação contemporânea.

Apesar dos avanços alcançados, o estudo apresenta limitações que merecem ser consideradas. A ausência de dados quantitativos sobre alcance, engajamento e recepção dos formatos analisados restringe a compreensão dos efeitos dessas práticas sobre diferentes públicos. Além disso, a análise concentrou-se em exemplos selecionados de forma intencional, o que, embora adequado ao caráter qualitativo da pesquisa, não permite generalizações mais amplas.

Nesse sentido, investigações futuras podem aprofundar a análise empírica, incorporando estudos de recepção, métricas de plataformas e comparações entre diferentes contextos culturais. Também se mostra relevante explorar as relações entre entrevista, algoritmos e economia da atenção, considerando como essas dimensões influenciam a visibilidade e a circulação dos conteúdos. Outra possibilidade consiste em examinar mais detalhadamente o papel da performatividade e da identidade na construção das interações.

A partir desse conjunto de reflexões, torna-se possível compreender a entrevista na web como prática em constante transformação, cuja análise exige a articulação entre teoria e observação empírica. Ao reconhecer sua natureza híbrida e processual, abre-se espaço para abordagens que superem classificações rígidas e considerem a complexidade das interações mediadas na contemporaneidade.

8. Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de jornalismo: rádio, TV e novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

CAPUTO, Stella G. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além-mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Lígia. **Técnicas de reportagem e entrevista: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Saraiva, 2009.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos et al. Amostragem em pesquisa qualitativa: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 389-394, fev. 2011.

GARCIA, Pedro Piccoli. Estratégias narrativas em entrevistas pingue-pongue. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 17., 2016. Anais [...]. Curitiba: PUCPR, 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MEDINA, Jorge Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. *Ciências, Humanidade e Letras*, v. 1, n. 1, p. 45-55, 2001.

MELO, José Marques de. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, jan./abr. 2016.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Saraiva, 2009.

OYAMA, Thays. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2009.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.

RUELLAN, Denis. **Le professionnalisme du flou: identité et savoir-faire des journalistes français**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1993.

SILVA, Nivea Rohling da. O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação e valoração do discurso do outro. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 12, n. 2, p. 505-530, jul./dez. 2009.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem**. São Paulo: Contexto, 2005.

TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

TRAVANCAS, Isabel. A entrevista no jornalismo e na antropologia. In: MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libreto, 2012.